

J. A. MACKAY

O SENTIDO
DA VIDA

3.^a EDIÇÃO

1946

LIVRARIA LIBERDADE
SÃO PAULO



A1. A12

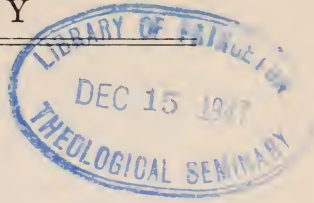
SCB
8389

For the Alumni Alcove

From

John A. Mackay

J. A. MACKAY



O SENTIDO DA VIDA

3.^a EDIÇÃO

(revista)

Tradução de
JOÃO DEL NERO

1946

LIVRARIA LIBERDADE

— SÃO PAULO —

Do original espanhol
“*El Sentido de la Vida*”
Traduzido e publicado
com permissão do Autor.

P R E F Á C I O

Para abordar o assunto de que trata êste livro, difìcilmente se poderia encontrar escritor mais apto do que o Dr. John Mackay.

Um conjunto muito peculiar de circunstâncias fizeram dêle o homem talhado para obras dêsse tipo.

Nascido na Escócia, onde passou a sua mocidade, e se formou em Filosofia e Letras, recebendo um prêmio que só se concede aos melhores estudantes, transferiu-se depois para os Estados Unidos, onde se distinguiu também na Universidade de Princeton. Viveu depois no Peru e no México. Conhece bem a pátria de Cervantes e, embora viva nos Estados Unidos, conserva-se sempre em contacto com os círculos culturais da Alemanha.

Os fatores humanos que analisa neste livro êle os estudou pois, não em um setor isolado da

experiência de um povo, mas em campo amplo que abrange uma grande variedade de tipos e de nacionalidades. Essa circunstância especial dá às suas observações valor imenso.

Além disso, o Dr. Mackay é hoje o Presidente de uma instituição cuja finalidade específica é precisamente a de preparar jovens para, no agitado cenário da vida social norte-americana, manter aceso o facho de fé no ideal supremo do bem. A sua chamada para êsse pòsto de tão alta responsabilidade representa, como é fácil de ver-se, o reconhecimento de seus méritos, por parte de elementos da mais acentuada influência espiritual na vida daquele país.

Acrescente-se a tudo isso mais esta observação: O Dr. Mackay possui a arte de discriminar no acervo de sua complexa erudição, justamente aquilo que pode interessar aos leitores. Em grande parte a falta dêsse delicado tato é que faz que as obras de alguns escritores eruditos sejam pesadas e quase que insuportáveis.

Não acontece isso com êste livro. Êle é suave e, ao mesmo tempo, altamente instrutivo.

Afirmam os cientistas que alguns minutos passados sob a ação estimuladora de certos raios luminosos exercem ação perdurável e benéfica no organismo.

Também o curto espaço de tempo que o leitor vai dispensar na leitura dêste livro há de ter, por certo, efeito permanente na sua personalidade.

Vai êle sentir-se desde o início até ao fim dessa leitura num ambiente salutar de estímulos nobres e de apelos vigorosos que infalivelmente se projetarão na sua organização moral.

Faça o leitor a experiência de ler o livro e verá amplamente confirmada essa previsão.

MIGUEL RIZZO.

Junho de 1938.



Digitized by the Internet Archive
in 2015

CAPÍTULO I

O SENTIDO DA HOMBRIDADE

TINHA razão Carlos Wagner ao afirmar: “Existe algo mais raro do que um grande homem: é um Homem”. Realmente, é mais fácil ser médico, advogado, literato, artista ou engenheiro, que homem. E, pelo fato de ser a profissão de homem a única universal, ela é ao mesmo tempo a mais básica e importante das profissões humanas.

Que significa ser homem — verdadeiramente homem? Onde encontrar um verdadeiro ser humano e como conhecê-lo? Creram encontrá-lo, aquêles camponeses ibsenianos que saíram ao encontro do jovem clérigo Brand, ao ter êle atravessado, num frágil botezinho, as águas revôltas de um “fjord” norueguês, para cumprir com o que cria seu dever. “Faz tempo”, disseram êles a Brand, “que nos falamos do bom caminho e no-lo indicamos com o dedo. Mais de um o apontou, mas tu foste o primeiro a segui-lo. Um milhão de palavras não vale um fato. Por

isso viemos buscar-te em nome de todos, pois o de que precisamos é — um homem”. Também Pilatos, aquêlê cético e timorato governador romano da Judéia, julgou ver um verdadeiro homem em certo réu que, numa ocasião inolvidável, fizeram comparecer perante êle. “Ecce Homo”, disse êle aos cruéis acusadores do Nazareno. “Eis aqui o Homem”.

À qualidade de homem, no sentido lato da palavra, Unamuno chamou “hombridade”. Conta-nos, em um dos seus ensaios, que, lendo o grande historiador e psicólogo português Oliveira Martins, feriu-lhe a imaginação a palavra “hombridade”, por êste aplicada aos castelhanos. “Hombridade” pareceu-lhe um achado. Conforme a emprega Unamuno, esta palavra significa mais do que simples probidade ou honradez. Seu sentido é muito mais compreensivo e viril que “humanidade” ou “humanismo”, palavras já desfiguradas por cheirarem a pedantismo, seita ou doutrina abstrata. Hombridade é “a qualidade de ser homem, de ser homem íntegro e verdadeiro, de ser todo um homem”. “E são tão poucos os homens”, ajunta Unamuno, “de quem se possa dizer que são — homens verdadeiros”.

Adotando esta simpática designação lingüística do grande vasco — que, seja dito de

passagem, é, no cenário contemporâneo, um dos mais lídimos exemplos da hombridade — delineemos o perfil de um verdadeiro modelo humano.

— I —

O verdadeiro homem há de ser, em primeiro lugar, a negação de certos modelos bastardos que gozam todavia de muito prestígio, seja entre as multidões, seja entre a “elite” intelectual ou social.

Um protótipo humano muito clássico, que goza de notório prestígio entre certo setor da sociedade — em alguns países mais do que em outros — chama-se Don Juan Tenório. Don Juan, que recebeu personalidade literária primeiro em “O Burlador de Sevilha” de Tirso de Molina, compartilha com Fausto a triste honra de ser a personagem mais universal da literatura européia, desde a Renascença até hoje. Quem é Don Juan? Certamente entre os Don Juões de Tirso, de Zorilla, de Molière, de Byron, e os de uma cidade sul-americana, há acentuadas diferenças de sensibilidade moral. No fundo, entretanto, são idênticos. Don Juan não muda; blasona sempre o mesmo lema: “Eu e meus sentidos”.

Mas, com tôdas as bravatas e ares de elegante, é uma perfeita caveira a quem a luxúria entonteceu. Raramente é um grande apaixonado; antes, quase sempre, um frio calculista. Faz alarde de sua liberdade. Vive, não obstante, na escravidão mais completa, já que o governam a seu talante os impulsos da carne e os imperativos irresponsáveis de um eterno “porque sim”. Há pouco o ilustre médico espanhol Dr. Marañon fêz cair uma bomba no campo tenorista, chamando a D. Juan “uma monstruosidade biológica”. Entretanto, êle merece o qualificativo, pois é indubitável que, moral e fisicamente, é um ser anormal.

Há, porém, muitos jovens que, desgraçadamente, sem se tornarem Don Juães de ofício, crêem que para ser homem se devem tomar lições na escola de Tenório. Lembra-me o caso triste de um jovem peruano, aclamado herói por um grupo de companheiros, ao descobrir-se ter êle contraído uma das enfermidades que vão à retaguarda do tenorismo. Na opinião dêsses jovens ingênuos, êle já se fizera homem. Um homem, porém, é outra coisa. Embora reconheça que o instinto sexual é perfeitamente natural, tão natural como qualquer outro, adota para com êle uma destas duas atitudes. Sem reprimi-lo,

para não se formarem complexos “freudianos” em sua personalidade, sublima-o, buscando alguma atividade de ordem superior que absorva suas energias, ou, de outra forma, canaliza honradamente o instinto no álveo do matrimônio, admitindo e procurando mesmo as conseqüências e obrigações naturais advindas com a fundação de um novo lar.

Creio que se os jovens refletissem um pouco sôbre as possíveis conseqüências ocasionadas a outros por uma paixão irregular, repudiariam para sempre tôda essência de tenorismo. Jamais esquecerei uma experiência que tive na cidade de Valparaíso. Dirigira algumas palavras de estímulo a um grupo de rapazinhos, vendedores de jornais, que assistiam tôdas as noites às classes para êles organizadas pela Associação Cristã de Moços daquela cidade. Logo ao retirar-me do local perguntei ao secretário que me acompanhava: Como explica o senhor o contraste tão extraordinário entre as formosas e inteligentes fisionomias de muitos dêsses meninos e os farrapos que vestem e a posição que ocupam? Meu companheiro me respondeu com estas palavras sugestivamente trágicas: “Nenhum dêles conhece o pai”. E êsses pais? Tenórios de uma camada social superior.

— II —

Outro protótipo humano, talvez mais culto e correto, porém não menos bastardo e inferior, é o “snob”. O “snob” pertence à Antiga e Aristocrática Ordem do Pavão Real. Em virtude do sangue que lhes corre nas veias, da posição social que ocupam, da fortuna que possuem, ou da cultura que adquiriram, sentem os membros desta ordem o mais completo desdém pelos outros homens, diante dos quais não perdem oportunidade de pavonear-se, procurando não se relacionar senão com pessoas de sua classe.

Socialmente o “snob” é, amiúde, o animal formoso que, não encontrando a sociedade genial dos seus, mostra preferência pelos cães e cavalos. Foi pensando neste ramo do “snobismo” que disse Bernard Shaw: “E’ permitido às damas e aos cavalheiros de hoje terem amigos no canil, mas não na cozinha”. Realmente torna-se assombrosa e desconcertante a quantidade de pessoas que põem a descoberto a sua inferioridade, assemelhando-se mais ao canino e ao cavalgar que ao humano.

Outra espécie de “snob” dedica-se às letras. Procura o “snob” literário mais o brilho que o esclarecimento. Tem êle a obsessão da forma,

preocupando-lhe pouco o fundo. Blasonando a máxima — “A arte pela arte”—passa a vida rebuscando cortes e côres novas, tornando-se desta forma alfaiate do efêmero, quando deveria ser escultor do eterno. Os únicos aspectos da vida que interessam ao “snob” são os ostentosos e atraentes. Espectador postado em tôrre de marfim ou em esculpido balcão aristocrático, conserva-se afastado de todo contacto com a vida real e verdadeira. Jamais lhe ocorre pôr seu talento a serviço de uma idéia ou causa nobres. E quando se dá o caso, como sucede às vêzes, de um “snob” das letras escrever um livro de fundo, quase sempre o faz sôbre temas que estão na moda. Ao tratar de problemas humanos procura não tocar nos aspectos dêsses problemas que estejam efervescentes em sua própria terra. Tratar de temas melindrosos poderia trazer-lhe muitos inconvenientes. Conheço notável obra de sociologia, escrita por um professor sul-americano, em que não se abordam nem de leve os tremendos problemas sociológicos da pátria do autor. E’ que a êle interessava tão só a crítica estrangeira e não o bem-estar nacional.

Tais pessoas carecem de hombridade. São todos êles “sub-homens”, traidores da bondade, da beleza, da verdade ou da pátria. E’ também

traidor e maldito todo sistema educativo cuja tendência é produzir tipos que vivem desdenhosamente apartados da eterna realidade humana e da realidade atual da pátria.

— III —

O terceiro protótipo de homem, que carece de hombridade, é o ególatra. Ele faz do Eu e dos seus interesses os móveis de toda atividade. Pretende criar um cosmos que gire sobre o eixo de si mesmo. Don Juan era egoísta, mas não ególatra, já que suas ações não se inspiravam na idéia objetiva do Eu, mas numa simples paixão carnal. O mesmo poderia dizer-se do “snob”. Este indubitavelmente age por egoísmo, mas enquanto o move o bom tom ou a opinião favorável de alguma “elite”, move o ególatra a ânsia desmedida de colocar-se a si mesmo no centro de todas as atividades, fazendo com que tudo lhe sirva de meio para a realização de seus fins, sem servir de meio a qualquer interesse alheio.

Seguir a todo instante a vontade e o interesse próprios, sem consultar para coisa alguma os interesses alheios, não é senão uma forma aristocrática da loucura. O perfeito voluntarioso, com todos os seus ares de cavalheiro independen-

te, acha-se possuído do mais trágico dos demônios: o demônio do Eu. Ninguém pode fazer duradoura uma obra que tenha por único móvel uma ambição egoística. Cedo ou tarde, num dos seus vôos temerários, o possesso do “Eu” cairá de bruços, apanhado nas alturas pelo furacão de alguma lei universal. “As estrêlas desde as suas órbitas pelejaram contra Sísera”, diz o antigo “Livro dos Juízes”. E Victor Hugo pergunta em “Os Miseráveis”: “Quem ganhou a batalha de Waterloo?”... E responde: “Foi Deus!”.

Talvez seja Peer Gynt de Ibsen, o mais perfeito ególatra que nos oferece a literatura. Adotando o lema: “ser eu mesmo”, êsse jovem lança-se ao mundo em busca de fortuna. Depois de uma série de peripécias em países estrangeiros, durante as quais várias vêzes fêz e perdeu avultadas fortunas, volta, já encanecido, à terra natal. No caminho de sua aldeia, entra numa velha horta conhecida. Toma na mão uma cebola e começa a tirar-lhe as cascas. A cada casca que sai, dá êle o nome de algum papel desempenhado na sua vida... O de naufrago arrojado pelo mar à praia americana; o de caçador de focas na baía de Hudson; o de explorador de ouro na Califórnia... até chegar por fim ao que devia ser o coração da cebola. Porém... Nada! A cebola é

só casca. “Como cebola” diz êle, “foi minha vida, só casca, aparência... Sôbre minha lápide gravem-se com letras de fôrma estas palavras: Aqui jaz ninguém”.

Peer Gynt era Don Ninguém, por não ter consultado, em tôda a sua longa vida, senão o Eu e os seus interêsses. Não se pusera a serviço de nada em prol dos outros. Em nenhum coração agradecido sobreviveria seu nome imarcessível. O ególatra há de se tornar com o tempo, um louco ou ninguém; um homem, jamais.

— IV —

Qual é, então, o verdadeiro protótipo humano?

Aquêle que merece chamar-se — homem verdadeiro, possui três qualidades básicas.

E' um ser livre que tem sêde do real. Sua liberdade se salienta quando é confrontado com os tipos anteriores. Don Juan é escravo de uma paixão baixa; o “snob” é escravo de preconceitos aristocráticos; o ególatra é escravo do arquidemônio do Eu. O homem verdadeiro, tendo afirmado sua liberdade diante das paixões, dos preconceitos e das ambições mesquinhas, abre de par em par as portas e janelas da alma aos so-

pros e palavras que lhe vêm do mundo real. Tem sede de realidade.

O ser humano vive em dois mundos; um mundo de aparências efêmeras e um mundo de valores eternos. O homem verdadeiro, saído como os presos platônicos da caverna das aparências, contempla agora tudo à luz da Realidade. Atreve-se a olhar de frente o Sol.

Parte da mensagem de Keyserling ao mundo contemporâneo é a sua insistência sobre a necessidade de adotar-se uma atitude passiva para com as coisas que queremos investigar ou que merecem investigar-se. Deixemos primeiro que elas nos falem. Livres de prevenções ou preconceitos, deixemo-nos saturar na sua atmosfera. Em seguida, depois de ter conhecido o que não nos satisfaz, rejeitemo-lo. Não seja, porém, crítica a primeira atitude, mas a última. Poderemos então criticar com pleno conhecimento de causa.

Dêste modo não nos exporemos à acusação de que os críticos mais severos são, em geral, os menos sábios. O homem verdadeiro, sedento do real, procede, em sua busca espiritual, da mesma forma que os homens de ciência. Os descobrimentos científicos se fazem por meio da aplicação reverente e conscienciosa de hipóteses à rea-

lidade objetiva. Os descobrimentos espirituais se farão somente por um processo de verificação honesta da teoria ou atitude submetidas a exame.

Outro característico do verdadeiro homem é apaixonar-se por algo superior. Há vastas regiões do mundo real que não podem ser descobertas pelos teóricos, preciosas experiências que eles nunca poderão compartilhar. A única atitude criadora diante da vida é a daquele que se vincula a uma idéia ou causa superiores, que lhe absorva tôdas as energias do cérebro, do coração e dos braços. Seja êle, de alguma forma, um artífice real. Ponha seu talento ao serviço de algo de valor. Que encontre, enfim, sua vocação na vida. E quanto a dificuldades intelectuais, elas se solucionam freqüentemente apenas alguém se ponha a trabalhar para cumprir um dever ou encarnar um ideal na vida. Há problemas insolúveis na solidão da biblioteca que poderiam solucionar-se fàcilmente na solidão do caminho. “A ação” dizia Amiel, “é a quintessencia da vida, como a combustão é a quintessencia do fogo”. Com que freqüência a causa forma o homem, intelectual e moralmente! Quem não sabe de homens medíocres que se agigantaram, chegando a gravar feitos imortais nas páginas da

história, por terem dedicado a vida a uma causa superior?

A paixão, e não a apatia, é o estado normal do homem. Sòmente os apaixonados são os grandes criadores. Só êles são capazes de grandes conquistas, a começar pela conquista básica de um caráter pessoal sem jaça. “Não há coração puro”, disse alguém, “que não seja apaixonado; não há virtude estável que não seja entusiasta”. Deve-se viver numa voragem, exclama Unamuno. Que leiam e se inspirem nessa candente peça de prosa de cruzado, com que êle prefacia sua “Vida de Don Quixote e Sancho”, aquêles que viram a Estrêla e estejam dispostos a segui-la.

E se alguém é verdadeiramente homem, será também coerente com seus pensamentos e com suas ações. Compenetrado da realidade, será um homem de verdade, ou da Verdade, como disse a Pilatos o Galileu. Sua vida será uma única peça e não usará máscara de espécie alguma. Aquilo que pensa sua alma pura, isso mesmo o dirá e o cumprirá. A claudicar preferirá a morte. Pensando em homens desta fibra, disse Romain Rolland: “Ide à morte os que deveis morrer. Ide sofrer os que deveis sofrer. Sofre e morre, mas procura o que deves ser: um Homem”.

CAPÍTULO II

O SENTIDO DA VOCAÇÃO

AO voltar a casa D. Queixote, depois da triste aventura que finalizou sua primeira saída, dirige ao lavrador Pedro Alonso, seu companheiro, uma frase, cujo significado é mais profundo que todo o extenso e clássico discurso aos Cabreiros. “Eu sei quem sou”, diz o fidalgo da Mancha a seu incrédulo vizinho, “e sei o que posso ser”. Faz êle essa afirmativa, não obstante estar todo moído e maltratado.

“Eu sei quem sou”. Estas palavras poderiam tomar-se, por certo, como símbolos da soberbia espanhola, encarnada por D. Quixote. Têm elas, porém, além disso, um sentido muito mais universal e humano. São palavras de um homem firmemente convencido do papel que lhe cabe desempenhar na vida, isto é, de alguém possuidor em grau superlativo do sentido da vocação. D. Quixote sabia quem era. Sabia que nascera para ser braço de Deus na terra, a fim de corrigir os erros dela. Coerente com o senti-

do que tinha de sua missão, não perdeu oportunidade de investir moinhos de vento e de dar liberdade a galés acorrentados, sem esmorecer na sua fé e arrôjo, pelo fato de aquêles o terem moído e êstes, ao cobrarem a liberdade, apedrejarem seu libertador. O que buscava não era o êxito nem o reconhecimento, mas a satisfação de haver atendido a um chamado interior, que lhe impusera o dever e não a felicidade como ideal da vida.

O sentido vocacional do imortal Manchego era ao mesmo tempo sua loucura e sua glória. Por causa dêle “viveu louco”; libertado por êle, no crepúsculo da vida, “morreu lúcido”. Não é porém como Alonso Quijuano o Bom, mas como D. Quixote o Louco, que êle será eterna inspiração e ensinamento àqueles chamados a desempenhar um papel no mundo.

— I —

O sentido da vocação é, sem dúvida alguma, um dos sentidos superiores do homem. E' o sentido que o leva a realizar com desinterêsse e denodo as maiores emprêsas. Nos momentos sombrios proporciona-lhe luz, nos transes difíceis incute-lhe novo ânimo. Torna o homem superior

a tôdas as zombarias e calúnias, e se no fim da jornada, não vê realizadas suas esperanças, terá o consôlo de que outros, tendo visto no céu do seu exemplo a Estrêla de seus destinos, levarão a obra a cabo. E' possível pois, assegurar-se que no dia em que um homem puder dizer deveras: "eu sei quem sou", conhecendo-se a si mesmo, à luz de uma visão nova de algo que deveria fazer na vida, nesse mesmo dia começará êle realmente a viver. Daí em diante viverá em sua obra e sua obra, nêle. Deixará imediatamente de ser "ninguém" para ser alguém. Será agora "fidalgo", filho de algo, isto é, de suas obras, ou melhor, do novo e santo sentido que o impele a empreender realizações.

Muita falta nos faz êste sentido superior da vocação. Sua aquisição e cultivo viriam certamente solucionar muitos dos problemas graves da nossa sociedade. Sôbre isto Unamuno expressou no seu livro "*O Sentido Trágico da Vida*" conceitos que se devem meditar atenciosamente. "O problema da vocação", diz êle, "é talvez o problema social mais grave e importante, aquêle que constitui o fundamento de todos os outros. A chamada por antonomásia "questão social" é, talvez, mais do que um problema de divisão de riquezas, produtos do trabalho, um problema de

divisão de vocações, modos de produzir. Que cada um encontre, pois, sua verdadeira profissão. Que sinta o valor religioso de sua vocação civil. Que trabalhe nela com tanto amor e empenho que se torne insubstituível àqueles a quem prestar serviço”. “Considerando-nos servidores dos outros, com os quais devemos cooperar entusiasticamente para realizar algo de utilidade coletiva, o religioso seria, em tal caso”, conclui Unamuno, “procurar fazer com que o lugar onde nos encontramos seja nossa vocação, mudando-o por outro, somente em último caso”.

Isto seria o ideal, mas na sociedade atual, que encontramos? De um lado, grande quantidade de pessoas sem trabalho ou vocação, e, do outro quantidade muito maior que não sente vocação para o papel que desempenham. Entre as primeiras, indubitavelmente, há milhões que queriam trabalhar em alguma profissão, mas não podem. Eis aqui, no trágico problema do desemprego, parte da herança imediata legada pela Grande Guerra (*) ao mundo contemporâneo. Esta situação é, entretanto, acidental, causada por circunstâncias anormais e destinada pouco a pouco a desaparecer.

(*) O Autor se refere à 1.^a guerra mundial.—(Nota do Trad.).

Muito mais grave que o problema dos sem vocação por não achar emprêgo, é o daqueles que, podendo trabalhar, não o fazem. São ricos e preferem ao trabalho produtivo a indolência parasitária.

Que fazer com os parasitas, com as pessoas que vivem do dinheiro herdado, sem trazer qualquer contingente útil à sociedade que os protege? Pode haver divergência de opiniões quanto às medidas que se deveriam adotar em relação a tais pessoas; não, porém, quanto à eterna aplicabilidade dos rifões que rezam: “Quem não trabalha não coma” (supondo-se sempre que esteja em condições de fazê-lo), e “Todos farão segundo sua capacidade e cada um receberá de acôrdo com a sua necessidade”. Entretanto sòmente um acendrado sentido da vocação em todos os cidadãos de um país poderia trazer uma condição social em que êste ideal fôsse realizável.

— II —

Afirmamos existir muita gente sem vocação para o papel que desempenha. Há alguns anos deparou-se-me a oportunidade de realizar uma visita à Penitenciária de Buenos Aires, quando dirigia êsse estabelecimento o ilustre penalista

Dr. Eusebio Gómez. No fim da visita, solicitei ao Diretor que me respondesse a algumas perguntas sôbre as peculiaridades dos condenados. Entre as informações prestadas por êle a êsse respeito, ouvi uma expressão que desde essa época se me gravou na memória. Contou-me o Dr. Gómez que, freqüentemente, quando um condenado lhe fazia confidências, dizia nas entrevistas: "Senhor Diretor: Eu sei ser prêso". Isto é, sabia acomodar-se perfeitamente ao regulamento carcerário, observando a conduta que teria mais possibilidades de fazê-lo cair na simpatia dos superiores. Não sentia, portanto, nenhuma vocação para continuar como presidiário. O que sentia era o anelo de ser homem livre, de modo que, para recobrar mais depressa a liberdade, devia saber ser prêso.

"Eu sei ser prêso". Quantas pessoas aprendem a desempenhar papéis que não lhes agradam, para os quais não sentem nenhuma vocação! Muitas delas são pessoas pobres, a quem a sociedade negou a oportunidade de desenvolverem as suas capacidades superiores, condenando-as a trabalhar nas mesmas profissões dos pais e avós. Isto é uma grande injustiça. Tôda sociedade está moralmente obrigada a proporcionar aos filhos de todos os cidadãos, mediante facilidades cul-

turais adequadas, oportunidades para êles descobrirem as aptidões e seguirem livremente sua vocação na vida.

Há, porém, um problema muito mais sério do que o da despreocupação do Estado em descobrir capacidades superiores nas fileiras do proletariado. E' que muitos homens e mulheres, tendo gozado de tôdas as vantagens que a sociedade pode proporcionar-lhes e ocupando posições de grande importância, carecem de todo sentido vocacional nos cargos que desempenham. São médicos, advogados, legisladores, funcionários públicos, sacerdotes, professôres, estudantes e, quem sabe quantos outros profissionais, de quem não se pode dizer senão isto: sabem sê-lo. Cada um tem posição; mas nenhum, vocação. Como os presos a que me referi, sabem ser o que não sentem, e o sabem ser pelo salário, posição ou influência provenientes do desempenho de seu cargo. Pensam êles sòmente nas vantagens que hão de desfrutar e não no bem que podem fazer. Infelizes! Não sabem quem são; só sabem ser o que não são nem querem ser.

— III —

Que tragédia quando grande quantidade dos homens de um país procura cargos, em lugar de

vocações! Analisemos o caso do magistério. Quão poucos são os verdadeiros mestres, os homens que por amor ao ensino não sonham senão com ser verdadeiros condutores de almas, esforçando-se a todo momento por ser exemplos de homens virtuosos e de investigadores honestos!

Ninguém que conheça o significado das lutas universitárias da última década, negará ter sido o sentimento de trágica orfandade que arrebatou os alunos, quando se viram sem mestres, a causa fundamental e determinante do movimento reformador estudantino da América Latina. “Queremos mestres, queremos mestres!” Eis a nota central do documento histórico que dirigiram os universitários cordoveses “aos homens livres da América”. Quando se cumprirá o sonho daqueles e de outros jovens estudantes, de haver um lar cultural em que “só poderão ser mestres os verdadeiros forjadores de personalidades, os criadores de beleza, de verdade e de bem?” Será quando todo aquêle que se diga mestre, seja do ensino superior, secundário ou primário, possua um sentido da vocação pedagógica análogo ao traduzido por Gabriela Mistral naquele comovente trecho de prosa “A Oração da Mestra”. Diz a humilde mestra provinciana, dirigindo-se ao Mestre Supremo: “Dá-me amor só para a escola; que

nem o fenecer da beleza seja capaz de roubar-lhe minha ternura de todos os instantes. Mestre, fa-
ze-me perene o fervor e passageiro o desencanto.
Extirpa-me o desejo impuro de justiça que ainda
me perturba, a mesquinha insinuação de protesto
surgida em mim quando me ferem. Não me
magoie a incompreensão, nem me entristeça o
olvido dos que ensinei. Dá-me o ser mais mãe do
que as mães, para poder, tal qual elas, amar e
defender o que não é carne da minha carne. Dá-
me visão para fazer de uma de minhas alunas
meu verso perfeito e nela deixar gravada minha
melodia mais impressiva, para quando meus
lábios não cantarem mais. Mostra-me a realiza-
ção do teu Evangelho em meu tempo, para que,
por êle, não renuncie à batalha de cada dia e de
cada hora”.

Quem pode avaliar a influência de um
mestre inspirado em tal sentido da vocação? En-
tre os verdadeiros mestres do mundo moderno,
ocupa lugar de destaque, Francisco Giner de los
Rios. Era o mestre perfeito. Tudo o que era se
saberá mais tarde, quando um dia seus discípulos,
unidos aos de Miguel de Unamuno, fundarem a
nova Espanha. No final de “O Licenciado Vidrie-
ra”, Azorín nos pinta Francisco Giner de los Rios
entre seus alunos. Eis aqui a paisagem: “A ima-

ginação desfere o vôo e vemos aristocrática e ampla casa de campo, com rica biblioteca, onde, apartados do bulício, em amável consórcio com as musas, vivem um homem douto e bom e alguns jovens cheios de ilusões e de esperanças. Francisco Giner de los Rios vai-lhes orientando as leituras, ensinando-lhes as belezas dos clássicos gregos e latinos, lendo com êles os grandes poetas da Espanha, educando-os, enfim, não com o sobreceño carregado de um preceptor, mas com a doçura e suavidade de um amigo sincero e apaixonado... Em seguida passeiam, realizam grandes excursões, inebriam-se na paisagem e nos aromas do campo.

Há, entretanto, algo que Azorin não diz, algo que me contou certa vez um dos próprios discípulos de Francisco Giner de los Rios. Parece que nessas reuniões e passeios de amigos, o mestre, em palestras íntimas com os discípulos, costumava perguntar a cada um dêles: “E você, que pensa fazer na vida? Queria incutir-lhes o sentido vocacional. Queria que cada um chegasse a saber quem era, buscando e encontrando sua verdadeira vocação. A interrogação afetuosa de Francisco Giner de los Rios suscitava, sem dúvida, na mente dos seus jovens amigos, perguntas como estas: Que devo fazer na vida? Qual deve

ser minha vocação? Como posso saber que vocação devo abraçar?

— IV —

Ante o magno problema vocacional, não há como saturar-se nas biografias dos grandes homens. Nenhum jovem deve transpor o umbral da maioridade sem ter lido uma ou tôdas estas séries clássicas de biografias: “As Vidas”, de Plutarco; “Os Heróis”, de Carlyle; “As Vidas Exemplares”, de Romain Rolland, e de modo especial “A Vida de Jesus”, nos Evangelhos. E’ na luz dos homens superiores que se deve acender a chama do ideal e perscrutar os horizontes do destino.

Diz-nos a história que muitos dos líderes da humanidade se sentiram como que chamados por uma voz sobrenatural a empreender as obras revolucionárias que os tornaram imortais. Foi êsse o caso de Moisés, de Jesus, de São Paulo e de não poucas figuras da história religiosa do mundo. Casos houve, também, em que grandes militares, exploradores e revolucionários possuíram um sentido místico da importância histórica do desempenho de seu papel e de sua própria importância como agentes do destino. Colombo, por exemplo,

encarava a descoberta do Novo Mundo como a realização de uma profecia de Isaías e considerava-se o órgão da Providência para cumpri-la. Seu sentido místico dava-lhe a intuição de um continente por descobrir e uma vontade inquebrantável para buscá-lo.

Mas, em geral, encontra-se a vocação por um destes dois meios: o descobrimento de uma capacidade especial, ou a visão de uma necessidade urgente.

A educação moderna procura, por diversos métodos, descobrir a capacidade latente dos educandos, assim como suas tendências inatas. Logo que são descobertas, procura-se cultivá-las por todos os meios, estimulando os alunos a procurar a vocação de acôrdo com as próprias aptidões. Parece ter sido a leitura das proezas de Aquiles na "Iliada" de Homero, que conduziu Alexandre o Grande, quando jovem, a descobrir a própria alma e o seu destino. Devia êle ser o Aquiles de sua época.

Descreve-nos Romain Rolland como Jean Christophe descobriu a vocação. Era êle um menino apenas quando seu avô julgou achar em seu neto o dom incipiente de compositor musical, e isso lho manifestou. Jean Christophe tomou a sério a opinião entusiástica do avô e, então, en-

quanto executava os intermináveis e aborrecidos exercícios musicais impostos pelo pai, ouvia no íntimo uma voz orgulhosa a repetir-lhe: “sou um compositor, um grande compositor. Uma vez que era compositor, dedicou-se a compor, a partir daquele dia”.

Outros — a maioria dos grandes benfeitores da humanidade diria eu — encontraram a vocação achando-se, num momento determinado da vida, face a face com uma situação grave que, imperiosamente, reclamava solução. Encontraram assim a vocação, Oliver Cromwell, pai das liberdades inglesas; José de San Martín e Simão Bolívar, próceres da emancipação sul-americana. Impressionado pelas angústias de sua pátria, Benito Juárez achou sua vocação de forjador do Novo México. Era Mahatma Gandhi modesto advogado quando, devido a um atentado contra os direitos dos hindus na África do Sul, fêz cancelar, na véspera da partida, a passagem de regresso à Índia, a fim de defender a causa dos seus compatriotas. Uma necessidade momentânea o encaminhou à vocação de tôda a vida. Tôdas as grandes instituições filantrópicas foram fundadas por homens e mulheres que — como Florence Nightingale, fundadora da Cruz Vermelha — acharam a vocação na tarefa de enfrentar ne-

cessidades prementes. “Alguém deve fazê-lo”, disseram êles. “Por quê não hei de ser eu?”

Por quê não? Eis a interrogação criadora, a daqueles que através do atual tiveram um vislumbre do ideal, de algo que ainda não existe, mas que deveria existir. Inspirados cada um por um sonho particular, desafiam com um eterno — por quê não? tôdas as dificuldades que lhes impeçam a realização. A energia superior, produzida no íntimo de todo aquêle que quiser encarnar em obras uma visão de bem, conduzi-lo-á, inelutavelmente, a encontrar seu papel na vida, infundindo-lhe o sentido criador da vocação.

CAPÍTULO III

O SENTIDO DA VERDADE

“**Q**UE é a verdade?” disse Pilatos a Jesus de Nazaré, sem perder tempo para receber uma resposta. Desde então se tem feito a mesma pergunta através dos séculos, como antes dêsse dia se fizera pelas escolas filosóficas da Grécia. Ela encerra um problema de interêsse perene, que tem dado lugar a uma infinidade de soluções.

Sem entrar na história dêste problema, e sem submeter a um exame crítico as várias teorias que se têm elaborado para o solucionar, vamos considerá-lo diretamente a nosso modo e por conta própria.

A esfera da verdade é uma esfera de relações. Ela regula a relação entre o que é e o que se diz ser, ou o que se faz representar, isto é, entre a realidade e sua expressão. Quando entre elas existe correspondência, delinea-se, em seguida, a verdade. Poderia ela, portanto, definir-se como a correspondência perfeita entre a reali-

dade e sua expressão. O êrro ou a mentira resultam da falta de correspondência entre ambas. Se ao procurar-se descrever a realidade, há um engano inconsciente, surge o êrro. Ao contrário, se a descrição da realidade fôr inexata, porque isso se desejou, aparece a mentira.

Ora bem; como o que temos denominado realidade consta de diversos aspectos, será necessário, para poder traçar um conjunto harmonioso da verdade, indicar-lhe o significado em relação a cada um dêles.

— I —

A realidade se nos apresenta, em primeiro lugar, como objeto do nosso conhecimento, de modo que logo se nos propõe um problema de ordem intelectual: Como julgar o real? em que consiste a verdade conceptual?

O homem deve ser, no terreno do conhecimento, um “caçador da verdade”, como chamou Platão ao verdadeiro filósofo. Deve esforçar-se por conhecer as coisas como realmente são. Livre de todo preconceito e interêsse ilegítimos, jamais deve êle dar descanso ao cérebro na tentativa leal de procurar que haja correspondência entre os

objetos e fatos que requerem seu estudo e as idéias que dêles faça.

A paixão pela busca da verdade desta maneira, tem sido o característico de uma plêiade de espíritos superiores. Uns chegaram em virtude de sua busca a uma idéia diretriz que lhes iluminou a realidade tôda, trazendo paz ao coração inquieto. Tais foram, por exemplo, Buda e Spinoza. Outros acharam tanta satisfação vital na própria busca que a ela se afeiçoaram.

Para êstes valia mais a luta que a vitória. Não era a meta, mas a corrida que os fazia felizes. Não buscavam o repouso, mas a agitação. Diriam com Malebranche: “se tivesse cativa a verdade na mão, soltá-la-ia e a deixaria voar, para poder persegui-la e capturá-la de novo”. Uns e outros, porém, tinham igualmente o sentido da verdade. A paixão dela era o único móvel de suas vidas e juraram-lhe eterna lealdade. Não acariariam conscientemente o êrro, nem jamais proclamariam nem viveriam a mentira. Eram intellectualmente honrados.

A honradez intellectual é um dos traços mais admiráveis e, infelizmente, um dos mais difíceis de encontrar. Caracteriza-se pelo hábito de manter sempre abertas as portas e janelas da mente às luzes e brisas da realidade, assim como pela

resolução inquebrantável de tirar as conclusões lógicas de cada novo vislumbre da verdade, sem esquivar-se às conseqüências inevitáveis da lealdade a ela. Entretanto, são relativamente poucos os intelectuais honrados. Conta um eminente escritor espanhol, que um médico, seu amigo, foi chamado uma vez a um colégio para assistir um dos internos que se achava enfêrmo. Em uma galeria reservada viu êle um quadro que representava o Arcanjo São Miguel em luta com o demônio Satanaz. O Arcanjo tinha a seus pés o anjo rebelde, o qual tinha na mão... um microscópio! O microscópio era para as autoridades dessa instituição educativa o símbolo da super-análise. Tachavam de labor satânico a investigação demasiado minuciosa, e os que por ela se interessavam afiguravam-se-lhes demônios.

Quanto tem sofrido o progresso humano por causa daqueles que, por seus preconceitos ou interêsses adquiridos ou por falta de valor moral, têm resistido a acomodar as idéias à realidade! A honradez intelectual de um homem de ciência põe-se a prova quando esbarra com um dado ou dados que não se enquadrem nas suas hipóteses. Se êle possuir deveras o sentido da verdade, dispor-se-á a corrigir as leis ou fórmulas atingidas. Se não, procurará contornar o novo problema

apresentado ou destruir os dados inconvenientes que o originaram. — Conta-se que, certo biólogo, discípulo de Luís Agassiz, ao dar uma vez com um molusco que parecia ser espécie intermediária entre os muitos que estudava, depois de o ter examinado demoradamente, encolerizado, arrojou-o ao solo, pulverizando-o instantâneamente com o tacão do sapato. Ao destroçar, assim, o dado inconveniente, que punha em cheque sua teoria biológica, o pseudo cientista exclamou: “E’ êsse o modo de tratar uma maldita espécie intermediária”.

Os verdadeiros homens de ciência, ao contrário, inspirados pelo sentido da verdade científica, têm tido sempre interêsse especial por todos os dados que se mostram inflexíveis a ser classificados nas teorias correntes. Muito freqüentemente o estudo honesto dos dados residuais tem conduzido a novas descobertas. Encaremos sempre de frente todos os dados fidedignos que se nos apresentem, sem desprezar qualquer deles. Reconcen-tremos a mente sôbre êles em meditação prolongada e silenciosa. Então, no momento menos esperado, e quando a mente já esteja em condição receptiva, se nos apresentará, qual centelha de luz, a nova verdade almejada. Assim, diz-nos Henri Poincaré, lhe “vieram” seus descobrimentos

tos matemáticos. Porque, além de têrmos faculdades de caráter aquisitivo que saem em busca da verdade, temos outras de caráter receptivo, que a reconhecem e lhe dão as boas-vindas quando ela chega.

— II —

Um segundo aspecto da realidade reclama nosso acatamento. Assim como a correspondência entre a idéia, de um lado, e certos dados, de outro, origina a verdade conceptual, assim também a correspondência entre a conduta e certos valores eternos origina a verdade ética. Um homem moral é alguém em que êstes valores ou normas se fizeram carne. Êle se compenetrará dêles de tal maneira, que seus atos se tornarão o expressar transparente de um ser identificado completamente com o bem. Fará o bem pelo bem, e não por alguma imposição externa ou conveniência particular.

A verdade conceptual e a verdade ética estão intimamente ligadas. Em última análise, a ciência repousa sôbre a virtude. Não havendo sinceridade absoluta no investigador científico, pouco valor terão suas investigações. Há, além disso, problemas intellectuais de tal transcendência que,

sem uma atitude definida perante a vida, não têm solução. Pretende-se, por exemplo, definir a realidade última. Pretende-se indagar o “porquê” do Universo e conhecer o princípio fundamental que lhe rege os destinos. Para tal caso, como disse alguém: “a ética é a melhor fonte de clarividência espiritual”. Ela nos oferece uma chave para interpretar o mistério tremendo. A realidade é una, e a vida humana é parte integrante dela. De sorte que as intuições da consciência moral têm imenso valor. Muitas vêzes a lealdade a elas salvou a alguém no momento de achar-se desnorteado, à mercê dos vendavais do ceticismo. “Na hora mais negra por que pode passar uma alma humana, ainda que tudo o mais estivesse em dúvida, isto ao menos é certo: se não há Deus nem vida futura, ainda neste caso, é melhor ser generoso que egoísta; é melhor ser casto que licencioso; é melhor ser leal que falso; é melhor ser valente que covarde”. Aquêle que disse estas palavras salvou-se, pelo seu sentido da verdade ética, apegando-se, no seu desespero intelectual, aos inabaláveis, fundamentos da moral. E outra não é a recomendação de Unamuno na sua obra prima “*O Sentido Trágico da Vida*”. Diz o primeiro moralista da Europa: “Agir de modo que nossa aniquilação seja uma

injustiça, que nossos irmãos, filhos e os filhos de nossos irmãos e seus filhos, reconheçam que não deveríamos ter morrido”.

Há, entretanto, aquêles que só na aparência têm este precioso sentido da verdade ética. Os mais acérrimos inimigos da virtude, os elementos mais perigosos da sociedade, são os hipócritas. Segundo a etimologia da palavra, hipócrita é o “ator”, alguém que representa um papel que não é o seu, alguém que aparenta ser o que não é. E’ um mascarado, que põe o disfarce mais conveniente aos seus interêsses mesquinhos. O disfarce mais terrível é o de um rosto de anjo que encobre o coração de um diabo. E’ êste o mais apropriado para o traidor. A novelista inglesa George Eliot pintou, com maestria jamais superada, o retrato do traidor. E’ aquêle, diz ela, que tem “uma face em que o vício não deixa estigmas, lábios que mentem com doce sorriso, olhos de tal brilho e profundidade que não se turvam por nenhuma infâmia, faces que se levantam de um assassínio sem empalidecer”. Nas entranhas de Tito o traidor, porém, a hipocrisia havia gerado um filho; o Mêdo. Com o tempo, êste filho horroroso chegou a tornar-se companheiro inseparável e único do pai.

E assim sucede sempre. O hipócrita não pode ser feliz. Para poder sê-lo terá que despojar-se da máscara. Para poder sentir-se homem, homem que sinta respeito por si mesmo, homem a quem o olhar mais perscrutador não amedronte, não lhe resta senão um único recurso: tirar a máscara e confessar com franqueza porque a pôs. A confissão sincera, que não é senão a reafirmação valorosa do embotado sentido da verdade, desfaz a aliança com a mentira, restituindo à personalidade tôda o equilíbrio e a simplicidade.

— III —

Um terceiro aspecto da realidade desperta-nos emoções. Da correspondência entre a emoção produzida e sua expressão num poema, num cântico, numa sinfonia, num quadro ou numa escultura, surge a verdade estética. Quando se pretende dar fôrma artística ao que se não sente claramente, origina-se a farsa. Muita poesia, por exemplo, é pura farsa, porque a escreve a cabeça e não o coração. Muitos poetastros fariam bem em lembrar o conselho de Carlyle de não dizerem em verso nada que se pudesse dizer em prosa. Farsa é também a generalidade das peças ora-

tórias que se pronunciam nas comemorações de próceres e efemérides históricas. Não há linguagem mais falsa e retumbante, mais desmedida e chula que a empregada nos panegíricos das comemorações de tais acontecimentos. O culto dos superlativos e hipérboles acaba por incapacitar o devoto de experimentar uma emoção elevada ou de expressá-la em forma natural e adequada, ainda mesmo que a sinta.

“Para fazer canções é necessário ser igual a elas”, disse Godofredo o bufarinheiro a seu pequeno sobrinho, “Jean Christophe”, naquela noite que passaram juntos à margem de um rio, enlevando-se na música da natureza. Esta lição sôbre estética musical não a esqueceu jamais o futuro compositor, aquêle que logo faria de tôda a sua vida de artista, uma sinfonia perfeitamente harmônica entre seu estado emotivo e a expressão musical que lhe dava.

Tratando-se, porém, da verdade estética, deve-se reconhecer também outra correspondência: a que deve existir entre a emoção sentida pelo artista e o que a ocasionou. O verdadeiro artista sente o significado universal do que contempla, ouve ou medita, não sendo, portanto, a expressão dada depois por êle à emoção simples cópia realista da sua causa, mas uma interpretação de seu

significado. Estamos fartos de realistas que crêem consistir a vida estética em empregar a arte como máquina fotográfica para fixar os aspectos mais asquerosos da vida humana. Há realistas cujas obras não passam de cloacas descobertas, tão empestadoras da atmosfera moral de seus leitores, que nêles se produz uma espécie de asfixia, tornando-os incapazes de ver e sentir a vida na sua exata perspectiva. O prurido de realismo de que padecem tantos que se inculcam artistas e outros, não é senão um estado mórbido e amoral.

Faltam, atualmente, nas plagas da América, artistas que nos revelem o universal no particular e o eterno no efêmero, os quais, saturando-se da realidade que os envolve, façam com que possamos vê-la em seu verdadeiro significado humano. Abandonando imitações artificiosas, abismem-se nas entranhas da terra para cantar e descrever-nos as dores e as esperanças da Planície, da Selva e da Cordilheira! Porque a arte é para a vida e não a vida para a arte.

— IV —

A última correspondência a que nos devemos referir é talvez a mais importante. E', com

efeito, a correspondência entre a corrente central de nossa vida e a corrente central do processo cósmico. O existir tal corrente ou tendência, é um postulado da própria idéia de progresso. O estar ela impelida por forças de bem e encaminhada ao aperfeiçoamento da personalidade humana, é um postulado da nossa consciência moral. Não há princípio filosófico mais válido que este: “o todo deve ser bom”. Não vivemos numa fantasmagoria, apesar do alto-relêvo em que, amiúde, se destacam o caos e o mistério das coisas do mundo. Não se pode crer, por um momento, sob pena de se abalarem os próprios alicerces da razão, que o Universo não seja fundamentalmente bom e não siga através da história milenária, uma alta finalidade de bem. Sendo assim, a correspondência mais básica que a todo homem cumprir é a de ajustar sua vida à verdadeira tendência das coisas. Deve êle valer-se de todos os meios para se pôr em contacto com ela. Deixando sua vida fluir no mesmo canal que ela, chegará o homem a ser o centro criador de progresso. Esta tendência transcendental poderá chamar-se a verdade religiosa.

Surge, porém, logo, a pergunta: Como interpretar esta corrente cósmica de bem? Qual é sua quintessência? De acôrdo com o antigo prin-

cípio filosófico de que se deve interpretar a realidade de uma coisa de acôrdo com o seu fruto e não de acôrdo com a sua raiz, é mister interpretar a realidade suprema como uma vontade de bem, o modêlo da realidade mais elevada que conhecemos. A corrente central das coisas é, portanto, a expressão de uma Vontade Soberana de bem, que impele o mundo pelo caminho do progresso e tende a aperfeiçoar a vida humana. Mas todo progresso, assim como todo aperfeiçoamento, dependem da renúncia espontânea e completa da vontade egoísta, por parte do homem, a fim de identificar-se, como leal colaborador, com a vontade de Deus.

A verdade religiosa é, portanto, a correspondência originada pela sublime aventura de entregar à Vontade Universal a vontade particular. Só mediante esta entrega poderá conhecer-se a verdade suprema. Só assim poderá a alma humana achar o repouso e a energia indispensáveis para uma obra criadora de bem.

A caminho da verdade suprema, uma voz rompe o silêncio misterioso; uma voz forte, mas terna de caminheiro. Ela diz: "Dou-te a mão; segue-me".

CAPÍTULO IV

O SENTIDO DA AMIZADE

NÃO há palavra mais sagrada que a de amigo; não há relação mais espiritual e sublime que a amizade.

A relação de amigos é mais elevada que a de irmãos, noivos ou esposos, pois há muitos irmãos, noivos e esposos que não são amigos. É muito freqüente os irmãos apenas se tolerarem, um interêsse mesquinho vincular os noivos e não terem os esposos em comum senão a casa em que habitam. Quando, porém, à tolerância fraterna, à exaltação do noivado, à vida rotineira do matrimônio, se lhes infunde o sentido da amizade, essas relações se sublimam, alcançando sua mais perfeita expressão.

— I —

Como definir esta realidade superior? Ela consiste na entrega recíproca de dois ou mais

sêres humanos, com a maior confiança e os motivos mais puros. Encontrar um amigo, uma pessoa com os mesmos interêsses que nós, cujo temperamento seja distinto, porém complementar do nosso, de cujo afeto e lealdade não nos resta a menor dúvida, é o tesouro mais precioso que nos pode caber na vida. A amizade de tal pessoa constitui, para todo aquêle que tenha a felicidade de possuí-la, baluarte nas horas sombrias de tentação e dúvida, consôlo na desgraça e alvo luminoso para o esforço constante de superação.

Entre os muitos méritos que se poderiam apontar na admirável novela "Jean Christophe" de Romain Rolland, um a todos sobreleva: é a apoteose da amizade. Jean Christophe, figura tão épica em sua grandeza como Brand, porém infinitamente mais humana e afim conosco que o herói ibseniano, chegou a ser o que foi, em virtude dos amigos que teve ao longo do caminho da vida. Até a hora crepuscular continuaram vivendo nêle. O volume chamado "A Manhã", que descreve a mocidade de Jean Christophe, contém uma passagem preciosa, onde se nos pinta a côres vivas a emoção do menino solitário, ao encontrar pela primeira vez um amigo de sua idade. Depois de um dia de passeios pelo campo com seu

novo amigo, Otto Diener, já noite fechada, Christophe voltou só para casa. Seu coração ia cantando: “Tenho um amigo! Tenho um amigo! Nada via, nem ouvia, e embriagado de sono, dormiu apenas se deitou. Mas duas ou três vezes acordou-o, durante a noite, uma idéia fixa. Repetia: Tenho um amigo! e adormecia novamente”.

— II —

Sendo a experiência da amizade de valor espiritual incalculável, causa profundo pesar e até ira santa o encontrar tantas paródias com seu nome sagrado.

A primeira paródia da amizade é a que um escritor chileno denominou “amizade tabernária”. Referia-se êle aos encontros casuais ou às reuniões que se dão por grupos de conhecidos, nas tabernas, clubes, cafés, cabarés ou outros lugares públicos. Nenhum liame existe entre os amigos “tabernários” além do desejo comum de matar o tempo, de tomar uns copos, de contar pilhérias um tanto escabrosas, de maldizer o próximo, de fazer farra. Não se conhecem intimamente; até têm mêdo de descobrir-se uns aos outros. Apenas se conhecem a si mesmos. Todos

usam disfarces, para que os companheiros não lhes vejam as feições. “Tôda a gente é máscara e todo o ano é carnaval”, intitulou Mariano José de Larra a uma famosa sátira. Esta expressão encarna bem a atitude e os ideais dos amigos “tabernários”. Ao chegar um dêles a passar por um transe difícil, não vai aos companheiros carnavalescos pedir-lhes ajuda ou conselho, pois bem sabe que seria contraproducente fazê-lo. No dia em que qualquer dêles nada tiver para contribuir para a farra, os demais o desprezarão. Que vá bailar em outra parte!

À outra paródia da amizade poderia dar-se o nome de “amizade utilitária”. E’ a daqueles para quem todo “amigo” é uma conveniência, um meio atual ou potencial de facilitar-lhes os interesses. Para êles, a vida, ainda mesmo o que há de mais sagrado, se reduz a uma espécie de pesca, a pesca de favores, honras, posições, lucros. E como o modo mais rápido e seguro de poder alcançar êstes objetos é contar com o apôio de “amigos de influência”, dedicam-se a buscar amizades, valendo-se para isso de todos os meios ao seu alcance. “Uma pessoa deve encontrar-se em má situação, para recorrer a um amigo”, dizia um rifão grego. Os amigos utilitários cumprem com perfeição êste espírito já que buscam amigos

não por necessidade espiritual, mas pelo afã material de explorá-los.

Quando tais amigos, por qualquer circunstância, não podem ou não querem servir mais aos interesses dos que lhes professam tanta amizade, êstes os hostilizam ou os apagam da memória.

A amizade utilitária começa a constituir ameaça para a moralidade pública. Distribuem-se os cargos não pelos méritos pessoais dos candidatos, mas pelo número de "amigos" que possuem. E' mister haver normas tão objetivas e impessoais para o preenchimento de empregos públicos, que só os alcancem os de verdadeira capacidade e vocação. Em todo caso, nunca se deve invocar o nome sagrado da amizade para a concessão de posições ou privilégios aos que não os mereçam pelas próprias qualidades.

— III —

A amizade, isto é, a amizade verdadeira, pressupõe o cumprimento de certos postulados. O primeiro dêles é que deve começar por despojar-se de tôda máscara aquêle que quiser conseguir amigos verdadeiros.

A vida nas grandes metrópoles tem algo de um baile de mascarados. Mui raramente se co-

nhecem aquêles que se encontram todos os dias. E' que todos usam qualquer espécie de máscara. Uns apresentam a máscara do funcionário car-rancudo, outros a do homem de negócios, que não se desocupa senão para dizer o quanto está ocupa-do. Outros, ainda, a do galante homem do mun-do, especialista em convencionalismos e desinte-ressado de tôda preocupação superior, ao passo que grande quantidade de pessoas oculta o ver-dadeiro ser atrás da máscara de uma melancolia mórbida e hostil, produto dos desenganos e do isolamento espiritual. Entre mascarados não pode haver amizade. Se desejam ter amigos, deverão tirar as máscaras e ir em busca de espíritos afins que fizeram o mesmo.

Mas, onde? Como tirar a máscara postiça? O lugar mais próprio para fazê-lo é no seio da natureza. Que os mascarados saiam da cidade rumo às serras, ao campo, à praia! Que vão onde não os alcancem nem as vozes lisonjeiras nem as maldizentes, onde os convencionalismos urbanos nada pintem. Onde a nudez da Natureza convide as almas a desnudar-se, onde lhes ofereçam ami-zade sincera miríades de sêres silvestres, e onde lhes desaltere a nova sêde de realidade a brisa rica de aromas e a visão de longínquos horizontes matizados pela face cambiante do céu. O con-

tacto com a Natureza nos descobre a nós mesmos e nos predispõe à amizade.

Quem tenha assistido a um dos acampamentos que, em diversas paragens do continente sul-americano, organiza a Associação Cristã de Moços, jamais o esquecerá. Chega um bando de mascarados citadinos à praia de Piriápolis, ou às serras da Ventana, ou a Angol, no Chile austral, ou a Chosica, às margens do Rimac peruano. No primeiro ou segundo dia da chegada ouve-se alguém dizer: "Pois não me conheço aqui". Seus companheiros não o conhecem tão pouco. Junto com o vestuário convencional da cidade, despiu-se também de muitas características mentais: preconceitos, ares de "snob", espírito crítico, tendência a reprimir as emoções e outros característicos que o incapacitavam para as relações de amizade. A formosura da região e o ambiente tão expansivo e fraternal do acampamento se apoderaram d'ele. Sente-se criança de novo e agora canta, grita e joga com t'oda a espontaneidade da infância. Dirá mais tarde, na chamada noite do "coração aberto", quando os acampantes, à luz das estrêlas, reunidos ao redor de uma grande fogueira, contam, nas vésperas da partida, suas impressões dos dias passados juntos, dirá que, pela primeira vez na vida, soube o que é a ami-

zade. Passados alguns anos, voltará de novo ao mesmo lugar sagrado e contará a um novo grupo de acampantes, reunidos ao redor do fogo simbólico, como encontrou no acampamento anterior os melhores amigos de sua vida.

Um segundo postulado da amizade é o cultivo de interêsses comuns. Deve-se subentender que tais interêsses sejam de caráter puro e elevado. Todavia, dentro desta categoria há infinidade de interêsses que tendem a criar uma atmosfera favorável à formação e ao cultivo das amizades. Poderiam mencionar-se os jogos recreativos, os passeios e excursões campestres, um entusiasmo recíproco pelas artes ou pelas letras.

Muito mais eficaz, entretanto, para criar uma amizade a tôda prova, é a consagração de duas ou mais pessoas a uma causa comum. Porque —reconheçamo-lo— a amizade é como a felicidade, que se alcança, não quando nela se pensa como fim supremo, mas colaborando em algum objetivo completamente alheio ao interêsse egoístico. Não há amizade comparável à daqueles que levam uma vida abnegada, dedicados inteiramente à propagação de idéias que crêem de valor transcendental para o bem-estar humano, ou a daqueles outros, cujas vidas se unem em algum esfôrço altruísta destinado a melhorar a vida dos seme-

lhantes. Se porventura chegarem a sofrer pelos ideais, sua amizade se purificará ainda mais. O vendaval só conseguirá que os verdadeiros amigos deitem raízes mais profundas, entrelaçando-se-lhes as radículas no solo do amor eterno.

Quando sentires, leitor, tédio pelo prazer e asco pela deslealdade de amigos fingidos, quando a alma chorar sua condição solitária e tiver anseios de amor e amizade, busca uma causa nobre a que te vincular. Achando-a e dedicando-te a ela, encontrarás na senda do serviço altruísta a tão anelada amizade.

O terceiro postulado é a lealdade absoluta por parte dos amigos. Com que freqüência se tem visto destruir-se uma amizade de muitos anos porque um dos amigos prestou ouvidos a algum intrigante mal intencionado! A intriga é o verdugo da amizade ingênua. Nenhum amigo deveria acreditar em intrigas a respeito de outro. Como amigo cumpre-lhe obter, dos próprios lábios daquele que sempre lhe mereceu o afeto e a confiança, o esclarecimento necessário. A amizade verdadeira apenas pode viver alicerçada na verdade e no respeito mútuo em tôdas as relações dos amigos. Sempre face a face, e com o coração na mão, cada vez que surja uma dificuldade. Assim o reclama a lealdade e assim o farão os amigos leais.

E êstes farão outra coisa também. Se chegarem a observar num amigo qualquer traço ou gesto pouco honrosos, sentir-se-ão no dever de chamar-lhe a atenção sôbre isso. Há ocasiões em que se deve estar disposto a sacrificar a própria amizade nas aras da verdade. Tanto aquêles que não suporta a crítica do amigo, como o que não se atreve a fazê-lo em caso necessário, são igualmente desleais ao ideal da amizade. Há circunstâncias em que a maior prova de amizade está em aceitar o risco de perdê-la, em nome da própria amizade.

— IV —

Se bem que a amizade tenha postulados, ela também impõe responsabilidades. Aquêles que experimentou êste gôzo inefável está obrigado a ter um trato amistoso com todos os demais. Uma amizade superior se sublima quando os amigos se esforçam por saturar com o seu espírito todo o ambiente onde se movam. A amizade não nos deve fazer egoístas. “Um amigo—disse alguém— é o primeiro a entrar, depois de todos terem abandonado a casa”. Transpõe o umbral e olha para o interior. Sentado em meio a uma solidão pavorosa um ser olha de soslaio ao intruso. Êste,

porém, não com ar de protetor, mas com o sorriso cândido de amigo, desfaz tôda dúvida e dá confiança ao coração, aperta a mão ao solitário. Eis aqui alguém que vem, não para tirar-lhe algo, mas para oferecer-lhe tudo: sua amizade. Volta a brilhar o sol, um sol primaveril, sôbre os páramos gelados de um coração. Sobrevém o degêlo e depois dêle, o verdor da esperança que repon-ta... “Tenho um amigo! Tenho um amigo!” Um mundo amigo, o único em que a paz e a justiça terão raízes profundas, virá sômente à medida que os amigos transmitam aos demais o espírito de sua amizade.

E, como transmiti-la? Já se mencionou um modo de fazê-lo. Eis aqui outro: o ato mais amigo que se pode fazer, o que talvez contribui mais que outro para o advento da amizade universal, é oferecer o exemplo de uma bondade, que nem a própria ingratidão seja capaz de murchar. Há tantas almas que buscam ansiosamente a manifestação viva de um ideal que lhes abra-se o coração! Como não há de impressioná-las um espírito amigo que em nome da amizade se sacrifique... por aquêles mesmos que lhe têm inimidade? O símbolo supremo da amizade infinita é a Cruz, uma Cruz que proclama deverem tratar-se os inimigos como se fôsem amigos,

dando em penhor da amizade o sacrifício, para que o ódio desapareça da terra. Compenetrando-se do eterno simbolismo dessa Cruz, lograr-se-á o sentido mais sublime da amizade.

CAPÍTULO V

O SENTIDO DO UNIVERSO

AO perguntar-se a Nietzsche porque preconizava aquêles tipo formidável de super-homem que somente descarregava energias, a única resposta que soube dar foi esta: "Porque gosto de Zarathustra". O celebre filho e único amigo do pensador alemão não fôra concebido nas entranhas da razão, porém nas do sentimento.

E' lugar comum do pensamento que os principais fatores, determinantes da nossa atitude na vida, não partem da razão nem da lógica, mas de um estado emotivo da consciência. São, em grande parte, impulsos, gostos, preconceitos, intuições ou ideais que nos levam à ação e determinam o que somos. São êles os elementos criadores, que proporcionam tanto os móveis como a fôrça motriz da conduta. A razão não é princípio criador, mas regulador; ela apenas critica, explica e ordena a materia prima que lhe fornecem as faculdades criadoras, organizando-a num sistema,

que logo procura justificar. “Uma teoria filosófica”, dizia Lotze, “é a tentativa de justificar uma concepção fundamental do mundo, adotada na juventude”.

Keyserling empregou o termo “sentido” para designar o princípio criador que, agindo no fundo do ser, dá uma direção determinada a toda a vida psíquica. “O que chamo sentido”, diz êle em *O mundo que nasce*, “está no fundo da vida, em tôdas as suas circunstâncias, como princípio criador, embora cada coisa possa descrever-se melhor por meio da psicologia coletiva, da morfologia, da biologia das raças, da astrologia, ou de outra forma qualquer. Para Keyserling o “sentido” é um impulso espiritual que é comunicado à vida pela filosofia, interpretando-se esta, não como sistema abstrato de conhecimento, mas como sabedoria concreta e criadora, “a capacidade para a magia, para influenciar e transformar diretamente a vida, mediante o espírito”. Eis aqui um conceito luminoso, de que já nos temos utilizado, mas cujo alcance e importância serão mais evidentes neste estudo sobre o “sentido do universo”.

— I —

Cada um sente o universo a seu modo. Talvez não chegue a definir para os outros nem para si próprio a impressão completa que êle lhe produz. Entretanto, o sentido que tenha do mundo há de determinar-lhe a conduta e o pensamento. Portanto tudo que somos, tudo que fazemos e tudo que pensamos se reduz, em última análise, ao modo pelo qual sentimos o mundo que nos rodeia e de que fazemos parte.

Consideremos algumas das maneiras principais em que se sente o universo.

Há os que o sentem tal qual máquina gigantesca, possuindo, por conseguinte, o sentido mecânico da existência. Para êles a vida e as coisas são meras peças na engrenagem de uma máquina cósmica. Admiram-lhe o poder e a eficiência, os quais desejam imitar. Pode ser que não hajam adotado conscientemente uma teoria materialista: possivelmente muitos dêles rejeitariam enèrgicamente tal imputação. Entretanto, se não concebem o universo tal qual máquina, pelo menos assim o *sentem*, e o sentido da máquina leva-os à apoteose prática dos valores mecânicos.

O sentido mecânico do mundo é o sentido próprio da civilização atual. O “chauffeur”, como

diz Keyserling, é o indivíduo representativo de nossa época. E' o homem simbólico do século XX, como em épocas anteriores o foram o sacerdote e o cavaleiro. Todos os prêmios e aplausos são para o que consiga imprimir velocidade à existência, e que saiba organizar e dirigir grandes emprêsas e que garanta a ordem e aumente a eficiência.

No mundo atual o "chauffeur" é prepotente. Encontra-se êle em tôdas as esferas da vida. Domina, não só no comércio e na indústria, como também na política e na religião. Naqueles espreme a última gota de suor e sangue de milhões de sêres humanos, aos quais transforma em combustível para o movimento da máquina. Introduziu êle no sagrado recinto da religião, que se devia reservar para a renovação das almas, todo o bulício e a organização macânica de uma fábrica de automóveis

E', porém, na esfera política que se pode estudar, na atualidade, o significado e as tendências do "chauffeur" soberano. O fascismo e bolchevismo são duas criações perfeitas do sentido mecânico do mundo. Os "chauffeurs" que, respetivamente, dirigem os destinos da Itália e da Rússia, com tôdas as diferenças ideológicas que os separam, coincidem de modo absoluto na forma como concebem o ideal político. Preconi-

zando uns e outros uma máquina política perfeita, tratam de suprimir todo ideal espiritual, todo conceito científico ou filosófico, tôda expressão da opinião pública que possa constituir perigo para o funcionamento dela. Daí surgir uma nova ética, a fascista, consignada num decálogo para o jovem "chauffeur" italiano, segundo a qual os princípios eternos da moral ficam sujeitos aos interesses de uma máquina governativa. Surgiu, igualmente, uma ciência soviética em que se suprimiu cuidadosamente todo elemento desfavorável à grosseira ideologia materialista que inspira a política dos chefes bolchevistas. Poderia dizer-se que êstes têm horror do microscópio, pela possibilidade de revelar-lhes dados inquietadores, enquanto que os fascistas têm horror do telescópio, que, colocando o regimem atual em sua perspectiva histórica, poderia anunciar o fracasso inevitável de todo sistema que despreze as leis eternas da liberdade humana.

Onde quer que impere o sentido mecânico do mundo, seja nos indivíduos, ou nos grupos sociais, o espírito humano mostra-se desapiedado; escraviza-se o homem, que é tratado como meio e não como fim. Desprezam-se os valores que não contribuem para o êxito imediato. Substitui-se o ideal da fraternidade humana pelo da hege-

monia de raças, países ou classes sociais. Confunde-se o aperfeiçoamento espiritual com o progresso material. A suprema necessidade da civilização contemporânea é a criação de homens de energia e paixão iguais às do “chauffeur”, mas que possuam um sentido do universo mais espiritual e construtivo.

— II —

Há outros que possuem o sentimento de orfanidade. Sentem-se órfãos no universo. Sem deixar de reconhecer que o mundo está cheio de bondade e ternura, tudo lhes parece ilusório. Tudo está destinado a fazer o homem esquecer que é órfão.

O orfanato é das instituições humanas a que melhor encarna o sentimento de ternura. Há uma época na vida dos pequenos asilados em que êstes crêem ser seus pais o bom casal que cuida dêles. Costumam chamar-lhes “papá e mamã”. Chega, porém, um momento em que lhes vem o desencanto. Não têm pais: são órfãos.

Como órfãos desencantados vivem muitíssimas pessoas. Nos primeiros anos da vida elevavam a um Pai Celestial sua ingênua prece de crianças. Passam-se os anos. Seja reação contra

a tutela religiosa do lar ou do colégio, seja por estudos feitos ou por uma queda moral que sofreram, a realidade é que chegam a sentir-se órfãos, ou pelo menos, a crer-se como tais, diante de um mundo que para êles estava antes dirigido por um Pai.

Que tragédia a dos órfãos espirituais que abandonaram uma fé, que não lhes satisfaz da maneira como se lhes apresentava na primeira época da vida, ou que rejeitam tôda crença em um ser transcendente pelo simples fato de lhes repugnar a religião oficial em que se lhe presta culto! Rejeitam a Divindade como conceito anacrônico e a experiência religiosa como illusória criação de uma imaginação ardente. Uma e outra assemelham-se ao som dos sinos daquela cidade lendária, de que nos fala Rénan, que em dias de calma os pescadores da região bretã ouviam soar do abismo oceânico.

Outros menos valentes, embora estejam convencidos de que são órfãos, temem dizê-lo em voz alta, ainda que a si mesmos. Unamuno descreveu um dêles nestes têrmos: "Tendo sido batizado, não abjura públicamente o que por ficção social supõe ser seu credo e não pensa nêle, nem pouco nem muito, nem para professá-lo nem para rejeitá-lo e conseguir outro, ou procurá-lo, pelo

menos." Nunca poderá tal pessoa ser espírito criador.

Mas, embora tenhamos que fazer uma revisão completa de nossas crenças religiosas, não devemos rejeitar tôda crença no transcendente. A intuição religiosa é eterna e tão válida como qualquer outra intuição ou instinto. Põe-nos em contacto com um mundo espiritual tão objetivo e real como o mundo visível e tangível em que costumamos mover-nos diàriamente. Deve-se lutar por ter fé varonil, fé aventureira, que não se amedrontará ante o mistério, nem se conformará com a idéia de que o universo nos tenha concebido e dado à luz para deixar-nos solitários.

O próprio Unamuno se viu obrigado a abandonar sua fé primitiva, mas lutou por encontrar outra, até achá-la. Em um dos seus ensaios, "Minha religião", descreve-nos sua atitude batalhadora perante o universo. "Minha religião", diz êle, "é lutar incessante e incansavelmente com o mistério. Minha religião é lutar com Deus desde o raiar da alva até o cair da noite, como dizem que com Êle lutou Jacó. Não posso transigir com êsse Desconhecido ou Incognoscível, como escrevem os pedantes; nem com aqueloutro: "daqui não passarás". Em bela passagem de seu livro "*O Sentido Trágico da Vida*" faz-nos sentir a

paz que seu coração experimentou, devido à convicção de que o mundo não é nenhum orfanato: “Creio em Deus como creio em meus amigos; por sentir o alento de seu carinho e sua mão invisível e intangível que me orienta e me conduz e me ampara; por ter íntima consciência de uma providência pessoal e de uma mente universal que me traça o próprio destino”.

— III —

Um terceiro grupo tem o sentimento de cemitério. E’ o daqueles que vivem baseados na convicção de que tudo o que é humano, tanto o belo e o bom, como o feio e o mau, vão igualmente para a tumba. Tudo, por conseguinte, é transitório e relativo, nada eterno nem absoluto. Por quê preocupar-se demasiado, então, em reformar o mundo? Reformar é imoral. Deixemo-lo como está. Seria mais interessante assim. Retiremos entretanto, da vindima da vida, os seus sucos mais doces e, quando os não haja mais, aguarde-mos a morte.

São, amiúde, muito belos os cemitérios. Empregaram-se para embelezá-los todos os recursos do dinheiro e da arte. Têm êles recantos que parecem cidades encantadas. Passeando-se por ali,

custa crer se trate de vivendas de defuntos. Espera-se que algum rosto formoso assome a uma janelinha ou que algum cavalheiro abra, com gesto majestoso, o gradil de seu castelo. Estas moradas, porém, maravilhosos arremedos das casas dos vivos, são apenas câmaras mortuárias. Povoam-nas os restos de queridas prendas, que, depois de haverem esgotado cada uma o seu cálice, foram deslisando em silêncio para o repouso.

E' a filosofia de um Omar Khayyam a única que cabe ante a transitoriedade do ser humano e a certeza inevitável da morte? Vale a pena continuar lutando por um ideal desinteressado? Que garantia temos de que jamais se realize? Se a única certeza absoluta que temos é a de que tudo acaba, não deve ser nosso ideal gozar da vida tudo que nos seja possível?

Encarando o problema sem paixão, poder-se-á dizer, pelo menos, que o sentimento de cemitério jamais realizou obras idealistas e duradouras. Ele não fêz do próprio coração mais do que um cemitério. Se todos o tivessem, o mundo acabaria, não num nirvana livre de desejos, mas num inferno de desejos frustrados.

Coisa terrível é não poder alguém apegar-se a algo eterno ou absoluto que o faça superior a suas dúvidas, paixões e à ingratidão humana!

Que trágica voz a de Mariano José de Larra no final de sua célebre sátira “O Dia de Finados de 1836”! Terminada a descrição de todos os sepulcros madrilenos, na qual disse: “Madrí é um cemitério, porém vasto cemitério, onde tôda casa é nicho de uma família, tôda rua, o sepulcro de um acontecimento, todo coração, a urna cinerária de uma esperança ou de um desejo”, Larra conclui com êste grito de dor: “Santo Céu! Também outro cemitério. Meu coração não é mais que outro cemitério. Que diz? Leiamos. Leiamos. Que morreu nêle? Espantoso letreiro! *Aqui jaz a esperança...* Silêncio, Silêncio! Daí a pouco o autor suicidou-se e o silêncio se fêz para êle.

— IV —

Resta, ainda, outro modo de sentir o mundo, o sentimento mais apropriado e dinâmico de todos, o que mais penetra no âmago das coisas, o que melhor sonda o próprio coração da realidade. E' êle que dá ao homem a visão mais clara de seu significado no mundo e lhe incute maiores energias para a realização do seu destino. Chamar-lhe-ei — sentido de lar do universo.

A instituição humana que representa, ou que deve representar, para ser fiel ao seu caráter, o

cume da espiritualidade, é o lar. Êste é a esfera do amor, da confiança e da amizade perfeita. Por quê não pensar que o lar verdadeiro é o microcosmo do universo? Em vez de projetar no infinito a máquina, o orfanato ou o cemitério, como o que mais se assemelha à realidade última, por quê não projetarmos o lar? Não se diga que tal processo é filosoficamente ilícito, por estar fundado num conceito antropomórfico. Porventura não são conceitos antropomórficos a máquina, o orfanato e o cemitério? Como poderá o homem pensar senão em têrmos do que é, do que sente e do que sabe? Deve êle pensar no transcendente, de acôrdo com as categorias mais adequadas que lhe proporciona a experiência. De outro modo não poderia haver nem ciência, nem filosofia, já que ambas, em última análise, são antropomórficas, por serem criações do homem. Assim sendo, que é mais lícito; procurar explicar o universo de acôrdo com o mais baixo de nossa experiência ou com o mais alto? Não hesitemos em dizer que se deve conceber o cosmos em têrmos da realidade culminante da experiência humana, isto é, de uma personalidade amiga; não de uma personalidade abstrata e fria, mas de uma personalidade concreta, ardente e amante. Devendo-se, pois, buscar no lar esta sublime

realidade em sua expressão mais perfeita, façamo-lo nossa categoria interpretativa do universo. A realidade suprema há de ser amistosa, e o sentimento humano que mais fielmente interpreta o mais íntimo na existência é o que denominamos — sentimento de lar.

A vida é comparável a antigo alcácer senhorel. Nela há tôrres banhadas de luz e sôtãos imersos nas trevas. Ora se goza nas alturas dos esplendores matinais, das vistas preciosas, dos ares tonificantes, ora se é mergulhado nas trevas inferiores, onde se sofre e se desespera. Mas, esteja alguém extasiado em um mirante ou sufocando-se num calabouço, não lhe anda longe um coração amigo. Não lhe falta senão um suspiro pela paz e pureza, uma confissão balbuciante, mas sincera, de haver pecado contra a virtude, uma prece agônica em busca de novas fôrças, para que o coração amigo e fraternal que pulsa eternamente ao ritmo da dor humana, inunde de luz o calabouço do coração, introduzindo-lhe a atmosfera amiga do lar.

O mundo moral está constituído de tal maneira, que nenhum soluço de um coração quebrantado e anelante se perde no vácuo. Despertará êle sempre um éco no infinito Coração de Amigo que pulsa atrás da cortina da nossa incre-

dulidade, ansioso por descerrar o véu separador, para enriquecer-nos a vida. O sentimento desta Presença, tão amiga e soberana, nos dá, como a Unamuno, paz na guerra e confiança no destino. A luta pelo aperfeiçoamento do indivíduo e do mundo não será vã, nem incerta a vitória, porque a realidade suprema é santa e paternal.

CAPÍTULO VI

O SENTIDO DO CRISTÃO

“SE o senhor me chamar cristão”, disse ultimamente um indostânico a um ocidental, “eu me darei por ofendido, porém se me chamar homem cristão, será para mim elevadíssima honra”. As palavras não podiam ser mais sugestivas. Ser cristão para êsse oriental significava apenas professar uma religião determinada, porém “homem cristão” era para êle uma pessoa que vivia de acôrdo com o espirito e os princípios de Cristo.

Muito se tem escrito sôbre o cristianismo como religião histórica, como organização eclesiástica e como sistema dogmático; muito menos, porém, e em nossa língua pouquíssimo, se tem falado dêle como sentimento vital e renovador. Não penso em ocupar-me aqui das pretensões desta ou daquela confissão cristã de serem herdeiras legítimas do cristianismo primitivo. Não me interessa tão pouco neste instante decidir qual

das bandeiras dogmáticas que agitam as diversas agremiações cristãs interpreta melhor a ideologia dos Textos Sagrados. Penso, pois, que muitos podem fundamentar o direito de chamar-se cristãos por seu vínculo eclesiástico ou pela pureza de sua ideologia, sem estarem, de nenhuma forma, penetrados do cristão, isto é, do novo espírito ou sentido introduzido no mundo por Jesus. São cristãos de profissão ou de nascimento; não, porém, homens cristãos, pessoas nas quais o espírito de Cristo, de que nos fala em forma tão bela Ricardo Rojas no seu "Cristo Invisível", se tenha feito carne, transformando-lhes a vida tôda, fazendo-os mais homens, homens verdadeiros. Podem ser cristãos de profissão ou de ofício; não, porém, cristóforos, portadores de Cristo.

E', pois, do cristão que vou falar agora. Que é o cristão? Como senti-lo? Qual é seu sentido íntimo? Em que forma se lhe dá expressão mais castiça?

Para poder apreender o sentido lato do cristão é mister considerá-lo de dois pontos de vista: primeiro, do ponto de vista da influência que tem exercido e exerce, e segundo, do ponto de vista de sua essência. Observando-se atuar o cristão através dos séculos, ficaremos convencidos de que

há ali uma realidade que merece nossa cuidadosa atenção. Captando a essência do cristão, nosso coração adquirirá um novo sentido, o sentido mais potente e criador dos que se conhecem.

— I —

O cristão é uma criação do espírito de Cristo. E' a expressão de tôdas as influências superiores emanadas de Jesus que têm contribuído para a transformação da vida. "Tudo que é vital do ocidente", disse Keyserling em um de seus últimos livros, "deve-se ao cristianismo". Isto é indiscutível. A emancipação da mulher, a abolição da escravatura, a legislação trabalhista, a educação popular, as sociedades filantrópicas, as campanhas contra as enfermidades, a própria democracia e o espírito internacionalista, são todos produtos genuínos do cristianismo. Todos revelam a presença do cristão, de Jesus. "Até o bolchevismo", diz Keyserling, "o primeiro grande movimento que o renegou radicalmente, dêle descende em linha reta. Sem Jesus, sem Êle, que proclama e dá preferência aos miseráveis e aflitos, não seria possível conceber o bolchevismo".

Fixemos o olhar no mundo contemporâneo, em tôda a África e nos países do Oriente, para ver até que ponto Jesus os está influenciando.

O homem branco escreveu no continente africano uma das páginas mais vergonhosas de sua história. Foi tal, geralmente, o rastro da chamada cristandade no continente dos negros, que um dêles disse, não faz muito, que se Cristo voltasse ao mundo com pele branca os negros o rejeitariam. Por muitos séculos os chamados cristãos de pele branca costumavam deixar a Cristo no abismo oceânico ao chegarem às praias africanas. Dedicavam-se à caça de negros e elefantes, para tirar a êstes os colmilhos e àqueles a liberdade, levando-os à América. Ainda nos dias de hoje é proibido aos negros nas cidades sul-africanas andarem pelos passeios: têm êles que andar pelo meio da rua, como os bois e os cavalos. E não importa seja o homem de côr graduado por universidade estrangeira; nem sequer pode andar com os brancos sôbre a calçada!

Mas, em meio à sombra há centelhas de luz. Não há, na história do século dezenove, figura mais cristã do que a de Davi Livingstone, homem que dedicou a vida à dupla tarefa de descobrir para a civilização as entranhas do continente africano e fazer chegar ao coração dos

povos indígenas o sentido da amizade divina, interpretada e conquistada pela sua. Lutou êle com denodo cristão contra o tráfico infame de escravos, que ainda persistia em seu tempo; não levava armas senão para procurar alimento e defender-se das feras. Afinal caiu enfêrmo, achando-se nesse tempo na região do Lago Tanganica, que êle fôra o primeiro a explorar. Em uma carta escrita para um diário dos Estados Unidos, pouco antes de sua enfermidade, o descobridor das nascentes do Nilo consignou estas palavras, que hoje estão gravadas na lápide de seu sepulcro: “Tudo o que posso acrescentar na solidão em que vivo agora, é que desçam ricas bênçãos do alto sôbre todo aquêle — seja americano, inglês ou turco — que faça algo para sanar esta chaga viva do mundo”. Referia-se ao odioso comércio de carne humana.

Certa manhã, às quatro da madrugada, os fiéis africanos que acompanhavam sempre Livingstone em suas viagens, encontraram-no morto em sua barraca, de joelhos, junto da cama. Havia elevado ao Altíssimo a última prece pela amada terra africana. Seus inseparáveis amigos negros extraíram o coração do cadáver do seu herói adorado, dando-lhe sepultura ao pé de uma árvore frondosa. Embalsamado o corpo, as mes-

mas mãos o levaram à costa, chegando ao pôrto de Zanzibar após nove meses de viagem penosa. Repousa agora o herói na Abadia de Westminster, e o seu coração, junto do coração da África. Formosa epopéia do cristão, quando êle se comunica aos semelhantes pela infinita amizade de um coração.

Passaram-se uns cinqüenta anos. Os imigrantes indus da África do Sul, em cuja defesa Gandhi se fizera famoso uma década antes, voltaram a sofrer grandes injustiças. Quando, por fim, as autoridades sul-africanas se dispuseram a entrar em entendimento com os colonos da Índia, quem credes terem êles nomeado representante nas negociações? Um tal Andrews, inglês de origem, porém indostânico de coração, e amigo íntimo de Gandhi e Tagore. Compenetrado do cristão, Andrews havia ido à Índia como simples missionário da amizade de Deus, chegando a identificar-se de forma absoluta com as aspirações e necessidades do povo indostânico.

Passemos à Ásia. Não ha fenômeno mais significativo que o fato de parecer a Índia de hoje disposta cada vez mais a aceitar o cristão e a Cristo, ainda quando renegue todo sectarismo e dogmatismo religiosos do ocidente. O grupo de cristófilos aumenta a passo acelerado. Jesus está

chegando a ser a consciência da nova Índia. Quando os compatriotas de Gandhi quiseram aplicar ao seu venerado líder o qualificativo mais alto que pudessem imaginar, chamaram-no “Homem parecido com Cristo”. Há indus e maometanos que já se abstêm de certas atitudes por serem contrárias ao cristão. Pela influência de Cristo as próprias religiões autóctones estão-se modificando.

A última revolução chinesa, êsse movimento grandioso de ressurgimento da raça milenária e purificação das fontes de sua vida, inspira-se no cristão. Em instituições cristãs da China e do estrangeiro educara-se uma geração nova. Sete dos dez membros do govêrno de Nanquim são discípulos de Jesus.

Um dos homens mais extraordinários do Japão contemporâneo chama-se Toyohiko Kágawa. E’ o Dostoiewsky do Oriente. Uma novela sua, “Antes da Alva” em que se conta a experiência trágica de uma alma em busca de luz, é digna de comparar-se às do grande russo. Mais de meio milhão de exemplares vendeu-se no Japão e nos países do Oriente. Em 1911, quando tinha apenas vinte e um anos, Kágawa foi viver entre os pobres de um bairro humilde da cidade de Kobe. Aí tem vivido sempre, à exceção de dois anos em

que se dedicou a estudos no estrangeiro, compartilhando da vida dos pobres e trabalhando em favor dêles. E' socialista e foi secretário da Federação Trabalhista do Japão. Sua paixão é reformar as condições sociais de sua pátria, e encontrar êle em Jesus a inspiração e as normas para as obras que realiza. Porque Kágawa é um cristão em quem Cristo se fêz carne. Aos quarenta e um anos, já cego de uma vista, luta para que seu Mestre se reproduza na vida de seus compatriotas, a fim de que, pela propagação do cristão, se revolucione tôda a vida nacional.

— II —

Quaisquer que sejam nossas opiniões sôbre a religião, sôbre o cristianismo ou sôbre as igrejas cristãs, não podemos negar ter sido e ser ainda aquilo que se chamou aqui o cristão, emanação do espírito de Cristo, a influênciã mais renovadora que a história conhece. Em que consiste a essência dessa fôrça superior, e como se elabora no íntimo de um homem?

O cristão é o de Cristo. Talvez o movimento denominado "volta a Jesus" seja o aspecto mais revolucionário do pensamento religioso contemporâneo. Procurou-se, seguindo o labirinto da

história cristã, penetrar além dos credos dogmáticos, além da organização eclesiástica, até chegar à figura pristina do Galileu. A divisa dêste movimento foi: "Queremos ver a Jesus". No ano de 1910 um professor da Universidade de Estrasburgo, Alberto Schweitzer, publicou um livro intitulado "A Busca do Jesus Histórico", em que estudava os esforços feitos até aí para encontrar o Mestre cristão. Desde essa data saíram outras centenas de Vidas de Jesus, e o mais interessante é que já não são os clérigos nem os religiosos professos que mais se ocupam em elaborar vidas de Cristo, mas literatos, periodistas e sociólogos. Deus secularizou-se em nossa época, diz José Ortega Gasset. E agora que figuras eminentes nas letras contemporâneas, tais como Emil Ludwig, Middleton Murray, Henri Barbusse, Giovanni Papini, Hermann Keyserling e Ricardo Rojas escrevem uma vida de Jesus ou um estudo sobre Êle, poderia dizer-se que Jesus também se está secularizando. E' Êle tão universal, que nêle cada um acha traços diferentes, de acôrdo com seu próprio caráter, de modo que, cada biografia é a autobiografia do próprio biógrafo. O mais interessante, porém, é observar a fascinação crescente que o homem vai exercendo sôbre os homens mais representativos. Calculou-

se que sôbre Êle se escreveram em todos os idiomas, cêrca de 50.000 monografias.

Movidos pelo mesmo anseio universal de conhecer o Homem, observemo-lo por nossa conta. Ao estudá-lo nas páginas evangélicas, vemos alguém cujo legado principal para o mundo não foi, como no caso de Buda, uma doutrina profunda, mas a vida perfeita, da qual por fim se deixou despojar em obediência à lei eterna do progresso espiritual. Não vemos nenhum “doce Rabi” inofensivo, cingido de lírios galileus à grega e incapaz de ferir qualquer pessoa com sua palavra, mas um Jesus másculo, de gestos varonis, que lançava tremendos anátemas contra os fariseus hipócritas, verdugos dos pobres e indefesos; alguém que expulsou do templo, pelo azorrague, os ruins mercadores que exploravam a religião popular. Não vemos tão pouco um ser triste e apagado, que, como disse Swinburne, “nublou o mundo com seu alento”. E, como diz muito bem Ricardo Rojas, Cristo não era, como se tem querido fazê-lo, um arquétipo de mendigos, uma espécie de farrapo humano, de escabêlo para os pés de todos, compêndio de miserias e modêlo de humilhações”.

Vemos um rosto radiante de caudilho que atraía tôdas as almas sinceras e anelantes. Ou-

vimos uma voz que impressionava a todos que o escutavam, pela maneira autorizada de solucionar os problemas mais profundos e discutidos. Suas palavras descerraram o véu do mistério do mundo, fazendo ver a figura amiga do Pai, para quem tanto os lírios e os passarinhos como as crianças e os desamparados, tinham profundo significado. Sentimos um amor como o de nenhum outro que viveu na terra. E' um amor que transforma os amados porque os ama a despeito do mal que os demais falam dêles e apesar das coisas más que sabe a seu respeito. Não é amor cego mas criador. E' o amor com que Jesus transformou em homem de bem a Zaqueu, o funcionário desonesto, e à Madalena penitente, em mulher santa. E' o amor que o movera a dizer em vida: "Amai a vossos inimigos, bendizei aos que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem"; o mesmo amor que à hora da morte angustiosa, preço de haver amado, fizera brotar de seus lábios sedentos uma prece pelos seus verdugos: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". E' êste amor, que não reconhece fronteiras, que nem a maldade nem a ingratidão humanas podem apagar, e cuja maior glória é uma cruz, que constitui a medula do cristão e a única

fôrça capaz de resgatar o mundo da barbárie. Com razão dizia Rodó ante tal manifestação do amor, que Jesus era o verdadeiro autor da caridade.

— III —

O cristão como fôrça criadora de amor e não como simples doutrina, está intimamente ligado à pessoa de Cristo. No estudo admirável sôbre Jesus, com que Keyserling conclui seu livro “Figuras Simbólicas”, o filósofo alemão tem o grande acêrto de relacionar a influência renovadora do Cristianismo, ou como dissemos aqui, do cristão, através dos séculos, com o próprio Jesus. Êle era mais original do que sua doutrina, e, ocupa, por isso, lugar mais central no cristianismo, do que o ocupado por Buda, Maomé ou Confúcio nas religiões que fundaram. Keyserling dá a Jesus o nome de “Mago”. Entende êle por êsse têrmo alguém que *é* e não que está em mero processo de realizar-se, alguém que *possui* a verdade e não que a procura apenas, alguém que se serve dos conhecimentos para *modificar* por completo o ambiente e não um simples “savant” que entesoura os conhecimentos na cabeça. Jesus é, para Keyserling, o tipo perfeito e absoluto do

Ser Superior. Êle introduziu no mundo um novo "sentido", fonte de tudo que é mais puro, de tudo que é mais vital, de tudo que é mais criador, existente no mundo.

Como adquirir êste "sentido"? Chegamos a apossar-nos dêle, deixando-nos influenciar pelo próprio Jesus. Nossa atitude há de ser de perfeita receptividade à sua influência, de rendição absoluta à sua vontade soberana. Eis aqui a aventura magna do espírito humano: fiar-se em Alguém que, segundo tôdas as evidências, é e sabe e pode. Nêle tocamos o eterno e o último. Através dêle nos relacionamos com Deus, o arquétipo paternal de quem era Jesus imagem perfeita e intérprete na terra, e a quem Jesus, já Espírito, conduzirá as almas até que desponte o dia em que tôda a humanidade terá sido redimida do mal, pelo e para o amor.

O que sucede em nossa época quando um homem se entrega de corpo e alma ao Espírito de Cristo, exemplifica-o de forma épica a carreira de Alberto Schweitzer, célebre autor do livro "A Busca do Jesus Histórico". Quando escrevia êsse livro, era Schweitzer catedrático da Universidade de Estrasburgo. Pelos profundos e prolongados estudos que fizera para conhecer a verdadeira personalidade de Jesus, convenceu-se de que

havia algo tão importante, tão misterioso e tão único nesta figura, que as investigações históricas eram incapazes de definir ou de classificar. Concluiu logo o livro com estas palavras: “Êle vem a nós como um desconhecido, sem nome, como veio no passado, às margens do lago, àqueles homens que não o conheciam. Diz-nos a mesma palavra: *Segue-me tu*, e nos aponta as tarefas que se devem cumprir em nossa época. Mandanos, e àqueles que o obedecem, sejam pessoas sábias ou simples, Êle se lhes revelará nas tarefas, nas lutas e nos sofrimentos por que hão de passar em sua companhia e, como mistério inefável, aprenderão pela própria experiência quem é Êle”.

Palavras proféticas! O autor delas convenceu-se, ao escrevê-las, de que há um conhecimento de Jesus e do cristão, impossível de se conseguir na cátedra de professor. O mais profundo não pode ser comunicado nem aprendido nas escolas; deve ser sentido e experimentado no caminho, seguindo em pós do próprio Mestre. Qual era a tarefa que impusera o Mestre imponente e misterioso a Alberto Schweitzer? Êste parecia ouvir nos recônditos do ser uma voz de comando a ordenar-lhe que se preparasse para saldar a tremenda dívida contraída pelos homens brancos

com seus irmãos negros. Empreendeu êle, em seguida, o estudo da medicina. Ao graduar-se neste curso, despediu-se de sua cátedra e do mundo civilizado para embrenhar-se nas florestas virgens da África ocidental. Nasceu assim uma obra cristã entre os indígenas africanos, na qual já conta Schweitzer com a colaboração de outros espíritos seletos e cristãos de diversos países europeus que foram trabalhar com êle.

Contudo, fica por dizer o mais extraordinário: Como se mantém essa obra? À profundidade filosófica de um Raimundo Lúlio e à paixão humanitária de um Bartolomeu de las Casas, alia Alberto Schweitzer o talento mundial dos grandes mestres alemães. Publicou êle a edição autorizada da obra de Sebastião Bach, de cuja música é o melhor intérprete. De vez em quando volta à Europa. Dá então audições musicais de órgão em Paris, Berlim e Londres, a que assiste a "elite" dessas capitais. Com o produto dos concertos dedicados à cultura da Europa branca, mantém a obra consagrada à redenção da África negra. — Há pouco tempo Schweitzer ganhou o prêmio Goethe por um ensaio sôbre o excelso poeta, e o dinheiro que lhe ofereceram por êsse motivo dedicou-o também à causa a que consagrou a vida.

“Segue-me tu!” A voz continua soando com os mesmos acentos de ontem às margens de Genezaré. Hoje soou de madrugada nos claustros de Estrasburgo. A esta hora soa em meus ouvidos e nos vossos, companheiros. Silêncio! “Segue-me, e tu serás homem e eu te darei vocação! Chegarás a conhecer a verdade e eu serei teu amigo. Viverás como filho no mundo do Pai e com meu apôio leal e sempiterno cumprirás teu destino”.

Í N D I C E

Pág.

Prefácio	5
O sentido da hombridade	9
O sentido da vocação	23
O sentido da verdade	37
O sentido da amizade	51
O sentido do universo	63
O sentido do cristão	77

Este livro foi composto e
impresso nas oficinas da
Imprensa Metodista - Rua
da Liberdade, 659 (fundos)
— SÃO PAULO —

Date Due

m) Christianity



